

## **A Deus**

‘O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará’ Salmos 23:1-6

## **A todos os que perderam a voz**



Deixaram-na para morrer na berma da estrada, mas quis Deus que ela vivesse. Também a ela a tinham deixado para morrer, mas ela decidira viver. Tudora, amo-te.



Por fora uma mulher, de carne e osso, doce, mas forte, calada, mas combativa, frágil, mas uma guerreira. Porque não há maior luta do que aquela que travamos contra nós próprios. Ela travava uma batalha contra ela própria, todos os dias. Quando acordava, de manhã, não queria sair da cama e não queria viver. Não queria viver nem mais um dia assim. 'Senhor, eu não consigo mais. Senhor, Nossa Senhora, ajudai-me.' Deus na Sua infinita misericórdia havia-lhe prometido que não mais verteria uma lágrima por eles e nunca mais derramara, nem uma única gota! Não por eles, nunca mais. Deus sempre cumpre as Suas promessas. 'Vamos lá, levanta-te, tens que continuar.' Os pés pesavam, arrastava-se, já não suportava as suas lamentações. Mal se conseguia queixar. Na verdade, dava por si a desabafar em voz alta 'Quero morrer'. Quão ofensivo seria para Deus, que lhe dera vida e que a salvara de morrer quando tão perto tinha estado da morte ouvi-la proferir aquelas palavras 'Perdoe-me Senhor, eu sou fraca. Faça-me à Sua imagem de perfeição. Jamais O quero ofender. Eu não consigo mais.' Ele ouvia-a e ajudava-a.

Era católica. Devota. Com orgulho. Passara anos longe das igrejas pois na verdade não sabia como ser católica. Ninguém lhe ensinara ou informara. Fora batizada e fizera a Primeira comunhão, mas desta última apagara qualquer recordação - guardara apenas o sentimento de aborrecimento consigo. As aulas deviam ter sido restritas, monocórdicas. Recitara provavelmente palavras e frases que não entendia. Mas naquela altura, afirmava, não sabiam mais.

Usava uma medalha de Nossa Senhora ao peito ou uma cruz, mas longe iam os tempos em que tinha três anos e ficava no altar junto ao padre enquanto ele dava a missa. A sua mãe não ia à missa aos domingos, aliás, ninguém que conhecia ia. E Rebeca recorria a Deus à boa maneira dos pobres mortais - quando precisava. Mas a vida, o dia-a-dia, eram pesados e começou gradualmente a procurar a ajuda de Deus quer se traduzisse por escrituras da Bíblia quer pela ajuda de sites católicos que lhe davam a conhecer as suas obrigações enquanto fiel ao Catolicismo. Lembra-se da primeira vez

que entrou na Igreja passados tantos anos, já adulta, para ir à missa. Não conseguiu conter as lágrimas que lhe escorriam pela face embora tentasse evitar limpá-las para que ninguém notasse. Foi um lindo reencontro. Rick que estava com Rebeca não conseguiu conter também as suas. Afinal falavam Nele, pediam-Lhe a Ele, confessavam-Lhe a Ele, partilhavam com Ele, recorriam a Ele constantemente e ali estava finalmente Ele, naquela cruz à espera deles. Não deviam tê-Lo deixado à espera, mas também eles não sabiam mais.

Aos poucos, começou a ir à Igreja, ao confessionário, a rezar diariamente, a refletir na palavra de Deus. E até rezar diariamente o Rosário se tornou prazeroso e uma bênção. Era o momento do dia em que falava com Deus. Só Ele e ela. Pedia-lhe o que precisava, o que queria, o que sonhava. E Ele respondia. Preparava-a para o que ia acontecer. Às vezes ela debatia-se, recusava, indagava ou até mesmo duvidava. Sabia que não devia ter medo, mas dava por si a suplicar-Lhe por misericórdia nos seus dias mais sombrios. Não queria de todo passar por mais tempestades. Ele ouvia-a e respondia ao seu coração.

Rebeca passara toda a sua vida metida nos hospitais e consultórios médicos e tem a certeza que não foi por acaso que nasceu filha duma mãe enfermeira. É que Beca teve problemas respiratórios desde pelo menos os seis anos de idade e todos os dias se fazia acompanhar de lenços nas salas de aula. As medicações que tomava de pouco lhe valiam, e era mesmo irritante ver os seus irmãos comerem chocolates e ela ter dificuldades em sentir o sabor dos mesmos por falta de olfato e problemas de paladar. Teve sinusite, rinite, rinite alérgica, ataques de asma esporádicos e ficava doente, com febre, se se sentisse stressada ou imensamente triste. Todos os dias, depois das aulas na escola primária, apanhava autocarros para ir com a sua mãe ao consultório médico fazer nebulizações. Era tão aborrecido. Aquele consultório branco, só com adultos, silencioso, sem brinquedos nem crianças e em que lhe era pedido que permanecesse quieta em silêncio total. Felizmente,

uns tempos mais tarde, a sua mãe teve conhecimento duma máquina portátil que podia comprar para Rebeca fazer os tratamentos em casa. Foi muito positiva essa mudança. Mas continuava muitas vezes doente, chegava mesmo a tomar penicilina e, em idade adulta, fez também um tratamento para as alergias com vacinas mensais que duraram pelo menos um ano. Apesar de super bem tratada por médicos e enfermeiras Rebeca estava farta de hospitais e tratamentos. Então, quando terminou as vacinas pensou que se tinha finalmente livrado dessa fase da sua vida.

Tal não seria verdade pois quando tinha vinte anos, sentiu uma forte dor nas costas que a fez dirigir-se de imediato ao posto médico. A sua médica de família recomendou que Beca tomasse uma injeção nas costas para as dores, mas ela tinha pavor a agulhas (mal ela sabia as centenas de picadas que ia levar ao longo dos anos). Sugeriu-lhe, então, que tomasse um medicamento oral para aliviar a sua aflição. Quando tomou o primeiro comprimido a sua perna inchou, não conseguia andar, vomitava sem parar. Foi de imediato levada ao hospital pela sua mãe. Trombose venosa profunda. Um coágulo de sangue subia pela sua veia principal da perna esquerda e dirigia-se aos seus pulmões causando nela o risco de embolia pulmonar. Podia ter morrido, e lembra-se de como a cara do médico que a atendeu naquela noite, que tão bem a conhecia, mudou quando viu a sua perna. Ela sabia que era grave. Não podia andar a não ser de cadeira de rodas, teve que estar acamada em casa – um luxo a que se deu por ter a mãe enfermeira ou teria ficado internada. Tomava injeções na barriga, doí-lhe. Soube que era mesmo muito grave quando o seu irmão olhou para ela, começou a chorar e ligou de imediato ao seu pai que, contava ela pelos dedos, o tinha visto uma dúzia de vezes ao longo de toda a sua vida. Do outro lado da linha, ele balbuciara umas cinco breves e doces palavras

- Pai, eu estou muito doente...
- Eu sei filha, eu sei...

Mas nunca mais lhe falara, perguntara como ela estava ou visitara. Rebeca mais tarde viu as suas fotos dos tempos em que esteve acamada. O seu corpo estava branco como a caule, parecia o corpo de um defunto. Os seus olhos encovados. Rick foi o único que ficou sempre ao seu lado e nunca a fez sentir que estava doente ou menos bem-parecida. Dizia-lhe sempre como estava linda e como era a mulher mais bonita do Mundo. Levou-a pela mão vezes sem conta ao laboratório para tirar sangue e dava-lhe coragem enquanto mulheres velhas que esperavam a sua vez, por inveja do amor dos dois ou de qualquer amor, comentavam entre si a terrível dor que sentiam sempre que lá iam tirar sangue.

A vida era tão difícil sem a presença do seu pai e o apoio da sua mãe que houve uma fase sombria da mesma em que estava tão triste e deprimida que pensou em se suicidar. Mas odiava clichés e seria incapaz de levar o que quer que fosse a cabo. É claro, nunca contara isso aos seus inúmeros psicólogos pois mandá-la-iam internar na certa ou, no melhor dos casos, dar-lhe-iam tanta medicação que o seu cérebro tornar-se-ia obsoleto.

Vivia sob o lema `Melhor morrer de pé do que viver de joelhos`. Não pedia nada a ninguém e, por isso, era uma mulher tão maltratada pela vida. Curiosamente, a sua pele tinha-se mantido jovem. Tinha 40 anos e não tinha uma única ruga - talvez por ser verdadeira, não forçar sorrisos nem feições, não guardar emoções nem ter respostas por dar, exceto ao seu Pai. Por mais voltas que desse não conseguia entender como é que aquele homem era capaz de dormir à noite. E ali, naquele gabinete, falava com aquele Homem que mais que um psicólogo, se tornara um amigo, um Pai, um confidente.

- É simplesmente quem ele é. - respondia um Homem de porte modesto, pele cor marrom e cabelos brancos, grisalhos.
- Certo, ele é certamente uma pessoa doente, com sérios problemas. Mas, como consegue ele dormir à noite?

- As pessoas convencem-se do que querem. - Respondia ele com um sorriso provocatório.
- Certo, ele convenceu-se de que não tem que o fazer, não tem responsabilidades e de que é melhor assim. Mas como consegue ele dormir à noite?
- Se calhar toma medicação. - Zombava ele entusiasticamente.

Na verdade, aquele psicoterapeuta com 40 anos de experiência, estava cansado de assistir ao sofrimento de tantas pessoas, boas pessoas que diariamente partilhavam com ele de que forma tinham sido vitimizadas, enquanto os seus agressores prosseguiam as suas vidas de forma tranquila.

- Como consegue ele dormir à noite? Como consegue ele abandonar os seus filhos? E não mostrar qualquer preocupação com isso?
- Porque não lhe pergunta?
- Talvez o faça.
- Mas não crie grandes expectativas! Não crie ilusões para não se desiludir! Lamento. Há pessoas assim e esse calhou de ser o seu pai.

\*

Apesar de suspeitar da hipótese de um dia vir a ter que confrontar o seu Pai, nunca imaginou que as coisas acontecessem daquela forma. Num dia quente de Verão do mês de Julho, num daqueles dias raros em que a temperatura é a ideal para se estar lá fora só de chinelos, calção e t-shirt sem estar quente demais, enquanto almoçava com a sua família no jardim, o seu telemóvel emitiu um som pouco usual. Rebeca nunca foi o tipo de pessoa de passar

muito tempo nas redes sociais a trocar mensagens pelo que achou curioso quando ouviu o seu telemóvel tocar enquanto desfrutava daquele ambiente calmo e familiar.

Adorava aquela casa, tinham-na comprado quando descobriram que se iam tornar uma família. Era grande, muito ampla, mas não tanto que se perdessem lá dentro. Era toda em madeira por dentro, como Rebeca gostava. Na parte de baixo, uma sala que cobria quase todo o espaço. Tinha vários sofás amplos e confortáveis, um grande tapete turco bem centrado no meio, estantes altas cheias de livros à volta de todos os limites da sala, um escritório com vista para o jardim e uma cozinha branca, de azulejos brancos e brilhantes, enorme, com uma despensa e com tantas arrumações que não havia como não ter tudo organizado. A cozinha cheirava sempre a canela, a fruta madura, a bolos acabados de fazer no forno... tinha licores por trás dum vidro numa prateleira e uma máquina de café expresso que usavam com especial cuidado. Gostava do cheiro a café, gostava quando Rick fazia o pequeno-almoço e, deitada na cama, num dos quartos do andar de cima, ela sentia o aroma invadir a cama. Era assim que ela acordava, com o cheiro forte do café. Levantava-se bem-disposta, ávida por descobrir que iguarias tinha ele preparado para o pequeno-almoço. Sumo de laranja, bolos, frutas, hummm o céu era o limite. Tinham uma vida confortável. Rick tinha criado a sua empresa de sucesso na área de outsourcing e Rebeca compunha letras musicais de forma descontraída e, nos seus tempos livres, desenhava... caras. Era o que mais gostava de desenhar no seu estirador. Gostava das caras. Quando não conhecia uma pessoa e queria saber quem ela era desenhava-a. Após desenhá-la, observava o seu rosto e estudava as suas feições meticulosamente. Via, então, claramente, quem era aquele ser humano. Fazia todos os seus trabalhos num dos quartos vazios do andar de cima. A casa era interessante porque a sala enorme do andar de baixo não tinha teto, era a céu aberto para o andar de cima. No segundo andar havia uma varanda, à volta dos contornos da sala com várias portas para quartos e casas-de-banho. Os quartos eram amplos, com armários que mais pareciam pequenas salas –

boudoirs ou os chamados quartos de vestir. Apesar da casa estar repleta de brinquedos por todo o lado era fácil arrumá-los. Bastava atirá-los para uma dessas divisória temporariamente.

O jardim, esse, era saído dum conto de fadas. Todos cuidavam do jardim, cortavam as rosas, regavam as flores, adubavam, tratavam, cortavam a relva. Era um passatempo que os fazia felizes. Tinha três árvores, arbustos cortados de forma arredondada e diversos canteiros de flores das mais diversas cores. A praia não era muito distante - dez minutos a pé – e, às vezes, sentiam o cheiro do mar.

Mas o que fazia aquela casa ser tão agradável era o amor que se sentia. Rebeca e Rick tinham dois filhos que eram a sua vida. Viviam para eles, para a felicidade deles. Não tinham família nem ninguém a quem pudessem deixar as crianças enquanto iam sair ou jantar fora os dois.

Privaram-se, com prazer e orgulho, de festas, jantares e noitadas sozinhos ou com amigos durante anos para poderem cuidar com perfeição e excelência dos seus filhos. Eles eram tudo para eles e eles queriam cuidar deles da forma que os seus pais não tinham conseguido. E tinham feito um bom trabalho. Os seus filhos eram muito felizes e eles também.

Naquele dia estavam a usufruir especialmente do jardim e da companhia uns dos outros. Que dia tranquilo tinha sido até aquele momento.

Pegou no telemóvel com desinteresse e uma mensagem surgiu no seu ecrã. Era do seu Pai, a única mensagem que recebera dele em toda a sua vida. Ele nunca lhe ligara ou mandara mensagens, não a ela. `Rebeca, é o teu Pai. Estou no Hospital Privado João Amado e preciso que me venhas ver o mais rápido possível. Por favor, é importante. Estou a morrer. ` Rebeca deixou cair o seu prato ao chão e um ruído estrondoso entoou e assustou todos. O seu filho largou

uma gargalhada por observar a mãe tão desajeitada. Ela sorriu rapidamente para os seus filhos para os tranquilizar e olhou preocupada para o seu marido que num ápice se levantou da cadeira e a seguiu até à cozinha:

- O que foi?! - Rebeca passou-lhe o telemóvel.
- É o meu Pai. Eu não vou Rick. Eu não quero ir. - Rick abraçou-a enquanto lia a mensagem.
- Tem calma. Estou aqui contigo.

Chegaram ao estacionamento e avistaram vários edifícios enormes, brancos, modernos. O hospital era tão grande que tinham que ir num 'táxi' que era, na verdade, nada mais que um carro de golfe conduzido por um homem que os levava à entrada certa do hospital. Lá dentro, estavam cercados por espaços amplos de paredes pintadas de branco como a caule e o chão também branco, no que parecia ser um plástico macio e confortável, tão limpo que Rebeca se perguntava se de fato os médicos ali tinham muito que fazer. Não viam ninguém, paciente algum, parecia que estavam sozinhos dentro daquele edifício. Deram o nome do pai de Rebeca e foram no elevador até ao terceiro andar.

- Este hospital deve ser pouco barato – comentou Rick revirando os olhos.

Na verdade, dizia o que Rebeca pensava, mas, não sabia muito bem porquê, sentiu-se ofendida. Talvez fosse porque na verdade aquela pessoa era mais importante para ela do que fazia querer e gostava que respeitassem o momento presente.

- Deixa lá isso agora Rick. Não és tu que vais pagar a conta.
- Beca! Desculpa, não queria ofender. Vamos focar-nos no que interessa, vais ver que ele vai ficar melhor.

Rebeca olhou-o com desdém, desacreditada. Não gostava quando ele dizia coisas da boca para fora.

– Faz-me um favor Rick. Pára de falar.

Rick assentiu com a cabeça e deu-lhe a mão. A porta do elevador abriu e viu mais movimento neste andar. Do lado direito do elevador havia uma grande sala de espera branca com vários bancos amplos, almofadados e confortáveis em filas. Do lado direito da sala, um homem com dois adolescentes sentados, à espera. Tinham um ar cansado e grave no rosto. No meio, uma mulher sozinha, de meia idade, de rosto enrugado e com olhar vazio, de olhos postos no chão nem se alertou ao ouvir os passos dum médico que se aproximava dela. E, na extremidade esquerda da sala, perto do elevador, com ar amuado, Laila, Dylan e Mary – os três meios irmãos de Beca. Era fácil de notar que eram todos irmãos – eram todos loiros, altos e tinham olhos azuis.

À frente do elevador, uma pequena receção e, à esquerda, um corredor com várias portas que conduziam às salas dos pacientes. Ao fundo desse corredor, à direita, um balcão baixo com um telefone.

Beca e Rick foram diretos à receção. Lá direcionaram-nos para o quarto 314. Uma administrativa levou-os até à porta do quarto e disse à enfermeira que lá estava dentro 'É filha'. Aquela palavra bateu-lhe contra o peito e sentiu a sua barriga às voltas. Lá dentro, um Homem de tão loiro que parecia que o seu cabelo tinha sido tocado pelo sol, olhos tão azuis que faziam lembrar as águas mais limpas e cristalinas do mar, com ar apático, esperava-os. Mesmo deitado na cama, via-se que tinha um longo comprimento de tal forma que os pés quase pareciam sair da extremidade da cama. Tinha a pele ainda algo enrugada e levemente bronzada dando a entender que antes de ter sido admitido no hospital passara longas horas ao sol. Os seus músculos do peito eram ligeiramente atrofiados provavelmente por causa dos maços de tabaco diários

que fumava, os dentes já não eram seus e eram muito brancos - trabalho do melhor dentista da cidade. A sua cara era desprovida de qualquer emoção, tanto que a pele `caíra` e dera lugar a duas pequenas bolsas laterais, as bochechas, que caíam com ele. Os seus lábios grossos estavam bem posicionados numa boca semiaberta de aborrecimento. Os seus olhos tristes e vazios estavam postos na desproporcionalmente ampla janela que deixava contemplar uma vida que nunca mais seria sua com uma avenida, uma linha de metro, edifícios de bancos, seguradoras, prédios habitacionais, restaurantes, cafés, supermercados e homens, mulheres e crianças que deambulavam nos passeios. O quarto era amplo, espaçoso, com uma cama, duas cabeceiras e um sofá cama bege muito convidativo de tão confortável. Tinha duas almofadas das extremidades e uma manta pousada num dos braços. Tinha dois quadros nas paredes: um dum artista local, mostrava um esboço abstrato da praia em tons pastel e, o outro, dum artista mais conceituado, revelava a cara dum médico numa gola de bata branca e parte do fio dum estetoscópio pendurado ao pescoço. Tinha o peso da responsabilidade no olhar e de quem já testemunhou milagres que a ciência não explica, o seu ar era sério e a sua cara tinha tantas rugas que pareciam um mapa da estrada. A pele era escura e os olhos castanhos como o chocolate e era inevitável não o contemplar por longos tempos. Louis estava tapado por um lençol e um édredon branco impecavelmente limpos e bem passados e viam-se inúmeros fios sair do seu corpo e ligar a máquinas móveis devidamente posicionadas ao lado da cama.

Aquele homem que trabalhara desde os dezasseis anos de idade e que se reformara aos cinquenta perdera todo o tempo do Mundo e contava agora as horas até à sua próxima grande aventura – a morte.

Louis não era um homem feliz.

Pai, porque não me amaste?

Estas foram as palavras que ecoaram na sua cabeça ao vê-lo deitado naquela cama - tão frágil, tão apático, tão doente. Mas não as conseguia vociferar.

– Filha, vieste ver-me. O Pai está muito cansado, mas feliz, gosto tanto de te ver aqui. – esboçava um sorriso.

Rebeca sentia raiva, revolta e as palavras ganhavam força na sua cabeça – Porque não me amaste? Odeio-te.

Não era o momento e ele parecia não perceber o mal que lhe havia feito. Se voltassem atrás ela sabia que ele faria tudo exatamente igual. Era fraco, limitado, obtuso. Não sabia amar, ela não sabia porquê. Que lhe acontecera na sua infância, na sua vida adulta, para ser assim? As mesmas pessoas que o amaram a ele, tinham-na amado a ela e bem! Os seus avós, ainda que não muito presentes, tinham-lhe dado certos presentes. A sua Avó ensinara-lhe a sentir e apreciar o amor materno. O Seu avô ensinara-lhe o que exigir do tratamento de um homem – um cavalheiro, que a tratasse como uma princesa, dedicado, leal, confidente. Assim era o seu marido.

Mas a experiência do seu pai com o seu avô não havia sido tão positiva. Quando era pequeno, o avô de Rebeca tinha deixado a sua avó sozinha, com sete filhos, meses a fio, enquanto viajava pelo Mundo fora com o dinheiro da herança dela. Sem dinheiro e sem terem forma de subsistir a sua Avó, o seu pai e os seus tios tinham que comer os restos de peixe dos pescadores que caíam na praia. Quando soube disso Rebeca teve pena do seu pai, ele era apenas uma criança. E ficou zangada e triste com o seu Avô. Afinal, ele sempre fora tão correto no que dizia, carinhoso, simpático, cavalheiro, leal, um Senhor. Sentiu-se traída, afinal as pessoas podem assumir diferentes personagens. O seu avô tinha sido um